

TEORIA 5S



© José Caldeira / TMP

**Ana Vitorino
Carlos Costa
João Martins**

“**Teoria 5S**” estreou a 24 de novembro de 2017 no Teatro Rivoli - Auditório Isabel Alves Costa, Porto

Texto e Direção Ana Vitorino, Carlos Costa, João Martins

Cenografia Inês de Carvalho

Banda Sonora Original e Sonoplastia João Martins

Desenho de Luz Pedro Correia

Vídeo Nuno Barbosa

Cocriação Ana Azevedo, Jorge Paupério, Óscar Branco

Interpretação Ana Azevedo, Ana Vitorino, Carlos Costa, Jorge Paupério, Óscar Branco

Coordenação de Produção Teresa Camarinha

Coprodução Visões Úteis / Teatro Municipal do Porto

Apoio Adão Oculista, Anjos Urbanos

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

PERSONAGENS

ANA, 44 anos

CARLOS, 48 anos

JORGE, 60 anos

ÓSCAR, 63 anos

CONSULTORA, 38 anos

PRÓLOGO

Uma espécie de armazém, praticamente vazio. Ao fundo vê-se uma parede feita de caixas de cartão empilhadas, todas iguais. Mais à frente, no centro do espaço, um cubo coberto por cinco faixas negras com caracteres japoneses.

CARLOS entra, olha em volta e percebe que foi o primeiro a chegar. Examina a parede de caixas com preocupação. ANA entra e acena um cumprimento a CARLOS, que retribui. Olha em volta, confirmando que não está mais ninguém, e depois para as caixas. ÓSCAR entra, acena um cumprimento a ANA e CARLOS, que retribuem. Parecem aliviados por vê-lo. ÓSCAR examina as caixas. Passado um pouco, entra JORGE, apressado. Cumprimenta os outros que parecem surpreendidos por vê-lo. Os quatro aguardam, olhando ora para as caixas, ora para o cubo, ora uns para os outros.

A CONSULTORA entra. Eles cumprimentam-na com acenos, tensos. A CONSULTORA percorre o espaço, examinando as caixas e depois cada um deles.

CONSULTORA (em off) - Era uma vez um homem muito velho e muito sábio a quem foi dada a tarefa de levar um vidro através de uma longa viagem, para o entregar ao imperador, que precisava de uma nova janela no seu palácio. O vidro, que tinha a forma de um quadrado perfeito, era uma carga muito preciosa, porque naquela altura era muito raro. A viagem foi difícil; o sábio atravessou rios, florestas, desertos... A certa altura chegou a uma montanha e escalou-a com dificuldade. Do alto, conseguiu ver, ao longe, o seu destino: o palácio do imperador.

A CONSULTORA dirige-se calmamente ao cubo.

CONSULTORA (em off) - Mas enquanto olhava o palácio, distraiu-se e acabou por tropeçar numa pedrinha, caindo pela montanha abaixo. Percebeu imediatamente que tinha quebrado o vidro. Desgostoso, o homem seguiu para o palácio e, ao chegar, entregou ao imperador o vidro. Logo descobriram que se tinha partido em sete peças diferentes.

A CONSULTORA começa a retirar as faixas que cobrem o cubo e a empilhá-las no chão.

CONSULTORA (em off) - Para se desculpar, o sábio contou ao imperador como a sua viagem tinha sido longa, dura, penosa... Enquanto relatava as suas peripécias, percebeu que conseguia ilustrar tudo o que tinha visto e vivido, organizando as sete peças de diferentes maneiras. No final, o imperador disse que tinha gostado da história, mas que continuava a precisar da sua janela. O sábio respondeu-lhe: "Majestade, com estas sete peças e um pouco de imaginação, pode ter tudo o que desejar. Até mesmo uma janela." E rapidamente organizou as peças para que formassem um quadrado perfeito. E assim o imperador teve a sua janela, tão límpida e cristalina como tinha desejado, apesar de não ser feita de um vidro único, mas de várias partes, perfeitamente encaixadas.

O cubo está agora descoberto; é translúcido, colorido e luminoso. A CONSULTORA arruma as faixas empilhadas como se fossem uma pequena esteira atrás do cubo.

PARTE 1 – DIAGNÓSTICO

A CONSULTORA regressa à parede de caixas ao fundo.

CONSULTORA (*apontando para as caixas*) - Isto é...?

CARLOS - É... um arrumo.

ÓSCAR - É o arquivo.

JORGE - É... é... o coiso...

ANA - Isto é passado.

CONSULTORA (*apontando o cubo*) - E aquilo é...?

A CONSULTORA volta a aproximar-se do cubo. Eles seguem-na, hesitantes.

CARLOS - É o nosso objetivo.

ANA (*corrigindo*) - É onde queremos chegar.

JORGE - É... o nosso futuro?

ÓSCAR - Isto é o que combinámos.

CONSULTORA - Portanto, vocês têm um problema e têm um objetivo. E eu tenho boas notícias: a viagem vai ser longa, mas vemos com clareza o nosso destino.

ANA, CARLOS e JORGE parecem entusiasmados, ÓSCAR desconfiado. A CONSULTORA regressa às caixas.

CONSULTORA - O que é que está aqui?

ANA - Tudo!

Os outros concordam.

CONSULTORA - Tudo... (*apontando uma caixa*) Então aqui está...?

CARLOS (*tirando a caixa, confiante*) - Aqui estão lâmpadas.

CARLOS abre a caixa e revela que tem material de escritório, papeis, canetas, um pequeno cofre.

ÓSCAR (*tirando outra caixa*) – Não! As lâmpadas estão aqui.

ÓSCAR abre a caixa e revela que tem fitas. Olham um para o outro, confusos.

CONSULTORA (apontando outra caixa) - E aqui está...?

ANA (tirando a caixa) - Esta está vazia.

ANA pousa a caixa com estrondo, abre-a e revela que tem ferragens.

CONSULTORA - Portanto, vocês não sabem o que está aqui.

CARLOS - Sabemos...

ANA - ... está tudo.

CONSULTORA - Sabem? Ótimo! Então vamos começar a trabalhar. Temos sacos de lixo?

ELES - Temos.

CONSULTORA - Onde?

ELES (apontando caixas diferentes) - Aqui.

CONSULTORA - Temos luvas de proteção?

ELES (apontando zonas de caixas mais indefinidas) - Aqui.

CONSULTORA - Temos máscaras para o pó?

ELES - Temos.

CONSULTORA - Onde?

ELES (apontando genericamente a parede de as caixas) - Aqui...

CONSULTORA - Portanto... não temos. Não sabemos onde está, não temos.

Silêncio.

JORGE (voluntarioso) - Podemos ir comprar.

CONSULTORA - Claro. Dê-me uma nota. (JORGE entrega-lhe uma nota de cinco euros) Não tem maior? (JORGE hesita, entrega-lhe uma nota de vinte euros). Vão comprar uma coisa que já têm? (rasga a nota) Porque é que não deitam logo o dinheiro fora? (deita a nota rasgada para o chão)

JORGE fica chocado. Recupera a nota do chão e tenta discretamente consertá-la.

CONSULTORA (*apontando as caixas*) - Têm aqui tudo. Mas isto não é nada. Ou melhor, isto é um elefante. E como é que se come um elefante?

Eles ficam confusos.

CONSULTORA - Uma dentada de cada vez. (*aponta para JORGE*) Dê-me duas palavras para vos definir.

JORGE (*atrapalhado*) - Ahhhh.... duas palavras....então.... ahhh...pode ser... ahhh...palavras... têm de ser duas?ahhh...

CONSULTORA - Vá pensando. (*aponta para ANA*) Duas palavras.

ANA - Diversidade e indecisão.

A CONSULTORA *aponta para ÓSCAR.*

ÓSCAR - Consenso...pragmatismo.

A CONSULTORA *aponta para CARLOS.*

CARLOS - Maturidade. Empenho.

CONSULTORA (*apontando para JORGE*) - Já somos capazes? Duas palavras?

JORGE - Um grupo.../

CONSULTORA (*interrompendo*) - /Um grupo. Muito bem.

JORGE - Mas eu não/

CONSULTORA (*sem o ouvir*) - E o que é que cada um de vocês espera desta viagem? (retira folhas de papel de dentro da caixa de material de escritório e aproxima-se deles). Temos canetas?

CARLOS *retira um conjunto de canetas da caixa e entrega-lhe uma.*

CONSULTORA - Vão desenhar... (*tenta desenhar mas a caneta não funciona*)

CARLOS *dá-lhe outra.*

CONSULTORA - Vão desenhar... (*tenta desenhar mas a caneta não funciona*)

CARLOS *dá-lhe outra caneta que também não funciona. Experimentam canetas sucessivas. A CONSULTORA vai indicando que as canetas não funcionam até desistir.*

CONSULTORA - Não faz mal. *(dá uma folha de papel a cada um)* Vão utilizar apenas a folha de papel. Podem dobrá-la como quiserem, mas não podem rasgar. Mostrem-me o que é que cada um de vocês espera desta viagem!

Eles concentram-se na tarefa com o papel. ÓSCAR constrói um barco. CARLOS faz um avião, mas no fim rasga um pouco para fazer as asas. JORGE molda um cone. ANA tem apenas um quadrado que continua a tentar dobrar de várias maneiras. Os outros exibem o que fizeram.

CONSULTORA *(apontando para ÓSCAR)* - Um barco, estabilidade... *(apontando para CARLOS)* um avião... liberdade, sonho, velocidade... mas está rasgado, não está? *(apontando para ANA)* e aqui temos um...

ANA *(mostrando o quadrado)* – ... era uma estrela. Mas não consegui fazer as pontas todas.

CARLOS, JORGE e ÓSCR riem-se dela, discretamente.

CONSULTORA - Uma estrela, para guiar o caminho. *(apontando para JORGE)* E aqui temos... o que é que temos aqui?

JORGE *(mostrando o cone)* – Ora bem, isto é um funil. Ou seja, algo para onde se deita tudo e que depois vai filtrar o que não interessa e só deixa passar o que queremos conservar.

Silêncio.

CARLOS - Isso é um coador.

JORGE - Não, é um funil.

ANA - Um funil não filtra nada, passa tudo. Devagarinho, mas passa tudo.

JORGE - Não, mas num funil também não passa tudo... as porcarias vão ficando agarradas/

CARLOS *(interrompendo, desagradável)* - /Sim, se tiveres um filtro no fundo, mas isso já é um coador, não é um funil!

CONSULTORA *(apontando CARLOS)* – Não!

JORGE *(para CARLOS)* - É um funil.

CONSULTORA *(para CARLOS)* – Não. *(indicando um ponto distante na sala)* Por favor.

Eles olham para ela e para o ponto, sem perceber.

CONSULTORA (*para todos*) - Há aqui uma regra importante: a negatividade não ajuda em nada o nosso trabalho. Por isso quando estivermos a sentir essa negatividade, devemos tirar um tempo, um tempo para respirar, e depois voltamos quando estivermos mais calmos e positivos. (*para CARLOS*) Por favor...

CARLOS (*incrédulo*) - É... para ir?

CONSULTORA - Por favor...

CARLOS afasta-se na direção do ponto que ela indicou.

JORGE - É um castigo?

CONSULTORA - Não, aqui não há castigos. Não estamos aqui para nos recriminarmos uns aos outros, mas para trabalharmos em conjunto, apesar das nossas diferenças. Aliás, não há defeitos nem virtudes. Só características. (*regressa às caixas*) Entretanto, o nosso elefante já cresceu mais um bocadinho.

ANA - Já?

CONSULTORA - Eu agora quero pendurar um quadro. Preciso dum parafuso. Onde é que estão os parafusos?

ANA, JORGE e ÓSCAR olham para CARLOS. CARLOS hesita, sem saber se já pode sair da zona de "Time-out".

CONSULTORA (*fazendo sinal a CARLOS para que regresse*) - Por favor.

CARLOS regressa e retira uma caixa de parafusos de dentro da caixa com ferragens.

CONSULTORA (*demonstrando*) - Estou à procura do parafuso certo. Mas os parafusos estão misturados com os pregos. Eu enfio a mão aqui no meio... ai, agora piquei-me num prego. Estou a deitar sangue, tenho de pôr um penso. Precisamos da caixa de primeiros socorros. (*eles procuram por entre as caixas*) Mas a caixa de primeiros socorros não aparece. Tenho de improvisar. (*tira uma fita adesiva da caixa de fitas*) Como a fita está mal guardada, demoro mais tempo e continuo a escorrer sangue. (*consegue abrir a fita, tira um pedaço e enrolá-o no dedo*) Agora, precisamos de limpar o sangue do chão. Temos uma esfregona?

Eles saem para ir buscar a esfregona. Regressam, trazendo cada um uma vassoura na mão. Olham uns para os outros, depois para a CONSULTORA.

CONSULTORA – Não há esfregona, mas há quatro vassouras. E, entretanto, ficou tudo ainda mais desarrumado.

Eles ficam envergonhados. A CONSULTORA avança calmamente para cubo.

CONSULTORA - Vocês é que sabem. Eu acredito que tudo funciona melhor quando eliminamos o desperdício, quando conhecemos o lugar e o valor de cada coisa, quando cuidamos do nosso espaço e garantimos que tudo seja fluxo, energia, vida! Trabalhando em equipa, fomentando a colaboração. Quando isto acontece, não há problemas, só há oportunidades. Quando isto acontece, pessoas normais conseguem alcançar resultados extraordinários!

A CONSULTORA afasta-se ligeiramente. Eles, motivados, olham para as caixas e tentam iniciar a arrumação, retirando e trocando entre si caixas diversas; JORGE pega nas caixas que ANA lhe passa, mas limita-se a empilhá-las noutra sítio, CARLOS e ÓSCAR trocam caixas entre si, mas limitam-se a arrumá-las noutra zona da parede de caixas. Subitamente param. Repararam que não avançaram nada.

ÓSCAR - Não estamos a ir a lado nenhum... Como é que vamos fazer isto? Na prática?

CARLOS - Por mim, isto era tudo para arrumar hoje.

ÓSCAR - Tudo hoje?

Pausa. Olham uns para os outros.

TODOS - Sim.

ANA - Pelo menos uma grande parte...

CARLOS - Pomos um caixote no meio para lixo, estabelecemos um tempo limite, e vamos despachando as coisas! Mas vamos avisando os outros do que está a ir fora.

ÓSCAR - Não podemos decidir o que fazer às coisas, assim, sem as relacionar umas com as outras. Quer dizer, vais deitar fora X e depois, mais à frente, encontras Y e já não tens o X.

JORGE - Então... podemos ver tudo e ir deitando fora, mas guardávamos sempre uma coisa por caixa.

ÓSCAR - Que coisa?

JORGE - Escolhíamos um objeto por caixa... o melhor.

CARLOS - O melhor? Melhor como?

ANA - O mais antigo?

JORGE - Não... não necessariamente... Não vamos guardar só coisas velhas...

ÓSCAR - E se começássemos pelas coisas que são óbvias? As caixas da contabilidade, é só ver as datas, certo? Mais de 10 anos pode ir fora. Não vai levantar problemas, pois não?

ANA e CARLOS olham um para o outro, comprometidos.

CARLOS (*cauteloso*) - Eu gostava de dizer que não, mas se calhar vai...

ÓSCAR (*lembrando-se*) – Ah...

ANA - Se calhar, o melhor era separar tudo em três partes. (*apontando para três zonas no chão*) Púnhamos aqui o mais importante, aqui o pouco importante e ali o nada importante. E depois decidíamos, em cada parte, o que é que era mesmo para guardar.

JORGE - Mas assim vamos passar horas só a mudar coisas de sítio...

ÓSCAR - ... sem deitar nada fora.

ANA - Mas fazes o trabalho mais difícil, que é perceber o que tens e o valor que dás às coisas.

ÓSCAR - Mas não deitaste nada fora nem decidiste nada!

ANA - Isso seria numa fase posterior...

CARLOS - Olhem, eu vou fazer uma proposta concreta: vocês vão embora e confiam em mim!

Os outros riem e protestam.

CARLOS - Não, a sério! Eu sei como fazer isto, sozinho despacho-me num instante.

JORGE - Espera lá, se acharem que não temos de estar todos, eu não tenho problema nenhum em ir embora... se isso ajuda...

ANA - Não! O espaço é de todos, arrumamos todos!

CARLOS (*entredentes, duvidoso*) - É de todos...

ÓSCAR (*sem o ouvir*) - Não! Combinámos fazer isto juntos, vamos fazer juntos. O problema é concordarmos em como fazer.

JORGE (*melancólico*) - Como é que arrumamos as nossas coisas, se nem sequer conseguimos arrumar as nossas ideias? (os outros olham para ele, surpreendidos) É isso, não é?

CARLOS - Eu tenho as minhas ideias arrumadas! Aqui dentro, quem era a pessoa mais provável de delinear um plano de ação?

CARLOS aponta para si, ANA e JORGE apontam para ÓSCAR, que aponta para si próprio. CARLOS fica espantado.

ANA - Aqui dentro, quem era a pessoa mais provável de deitar fora uma coisa que mais tarde ia ser mesmo necessária?

ANA e ÓSCAR apontam para CARLOS, JORGE aponta para ÓSCAR, CARLOS aponta para JORGE.

ÓSCAR - Aqui dentro, quem era a pessoa mais provável de dizer que tem a sua casinha toda arrumada, mas vai-se a ver e guardou as suas coisas pessoais no meio das nossas coisas?

Todos apontam para JORGE, que aponta para próprio.

ÓSCAR - Isto no fundo é simples e percebe-se rapidamente: Se isto fosse explodir tudo e tu tivesses um minuto para agarrar qualquer coisa para salvar, o que é que salvavas?

CONSULTORA vai buscar um cronómetro.

CARLOS - Oh, fácil...

ÓSCAR (para CARLOS) – Ah, é fácil? (para todos) Então vamos ver o que acontece. Um, dois, três!

A CONSULTORA começa a cronometrar o tempo. ANA, CARLOS e JORGE precipitam-se na direção das caixas. JORGE descobre e retira de uma caixa um velho leitor de K7s para salvar. ANA abre várias caixas, sem se conseguir decidir e, quase no limite do tempo, pega numa caixa cheia de livros e muito pesada para salvar. CARLOS avança com a confiança de quem sabe exatamente o que quer salvar, mas depois de abrir várias caixas não encontra o que procura e começa a ficar desesperado. ÓSCAR dirige-se calmamente ao pequeno cofre e salva um cartão de crédito. Quando o tempo está prestes a terminar, JORGE lança-se para as caixas e arrasta CARLOS para longe. A CONSULTORA marca no seu cronómetro o final de um minuto.

ANA (para CARLOS) – Fogo, quase que ficávamos ali!

ÓSCAR vai verificando caixote de livros de ANA.

CARLOS (algo emocionado, para JORGE) - Obrigado, se não fosses tu... (repara no leitor de K7s) Tás a gozar? Salvaste isso? Para quê?

JORGE - Então, para podermos ouvir as K7s...

CARLOS - As K7s? Quais K7's? Ficaram todas lá dentro!

JORGE - Não podia trazer tudo... Eras tu ou as K7s!

ÓSCAR (para ANA) - Este livro é assim tão importante?

ANA - Os nossos livros são todos importantes!

ÓSCAR - Então porque é que não trouxeste os outros e trouxeste dezenas de cópias deste?

ANA examina a caixa e repara que os livros são todos iguais.

ANA - Foi a pressão. Acho que fiquei nervosa.

ÓSCAR (*para CARLOS*) – E tu? Era fácil, era fácil e afinal não trouxeste nada.

CARLOS - Eu sabia precisamente o que devia trazer, mas não encontrei no meio desta confusão.

JORGE - Mas o que é que valia assim tanto ao ponto de morreres ali?

CARLOS - Era o... não interessa.

ANA, CARLOS e JORGE olham para ÓSCAR, que aparenta não ter nada.

ANA - E tu?

CARLOS - Sim, e tu? Não trouxeste nada porquê?

ANA - Ainda por cima és o maior de nós, com esses braços enormes podias salvar tanta coisa!

JORGE – Tu não trouxeste nada?

ÓSCAR mostra o cartão de crédito

ANA - Não acredito! Num momento como este, em que íamos perder tudo, o nosso passado, as nossas memórias... tu só pensas em dinheiro?

ÓSCAR - É o nosso cartão de crédito. Como é que recuperavas depois de perder tudo? (*apontando as caixas*) Como é que achas que vamos sobreviver depois disto?

JORGE - Espera! (*os outros olham para ele*) Eu acho que sei onde é que estão as K7s. (*dirige-se às caixas*)

JORGE coloca o leitor de K7s em cima de uma caixa vazia e liga-o à corrente. Abre várias caixas, à procura das K7s; quando as encontra, escolhe uma que coloca a tocar no leitor.

PARTE 2 – TAREFAS

A CONSULTORA aproxima-se de ANA, CARLOS e ÓSCAR.

CONSULTORA - Já decidiram onde vão pôr o lixo?

Eles hesitam, olhando em volta.

CONSULTORA - É melhor definir um espaço para irem pondo o que vai para o lixo...
(*indicando um ponto lateral*) Aqui?

Eles aprovam, de modo hesitante.

CONSULTORA - Vocês é que sabem! (*pegando num dos livros que ANA salvou*) Então isto já pode ir para o lixo?

CARLOS - Sim.

ANA - Não, não!

ÓSCAR - É o que estamos a tentar decidir.

CONSULTORA - Estiveram os quatro (*olhando para o cronómetro*) durante dois minutos e trinta e cinco segundos a tentar decidir o que vão fazer a UMA coisa? Vocês têm tempo para isso?

CARLOS - Não!

ANA - Não, não.

ÓSCAR (*calculando*) - Ora, dois minutos e trinta e cinco segundos para cada objeto, se tivermos uma média de vinte objetos por caixa e se tivermos aqui cinquenta caixas... são mil objetos... dois mil quinhentos e oitenta e três vírgula trezentos e trinta e três minutos, o que dá... um dia, dezanove horas, três minutos e vinte segundos.

CONSULTORA - E entretanto o nosso elefante cresceu mais um bocado...

JORGE (*para a CONSULTORA*) - Isso é mau, não é?

ANA (*para a CONSULTORA*) - Mas há pior, não há?

CARLOS - É medíocre.

CONSULTORA - Mau, medíocre, para mim é tudo igual. O que interessa é que assim: Não funciona.

ANA (*em simultâneo com o final da frase*) - /ona.

A CONSULTORA faz um sinal de aprovação para ANA. Mostra um pequeno conjunto de fios, todos do mesmo tamanho, e começa a distribuí-los, entregando um fio a cada um deles.

CONSULTORA - Vamos então testar a vossa eficiência, para perceber onde podemos introduzir melhorias. *(mostra o modelo, um fio com alguns nós a distâncias específicas)* Este é o vosso objetivo. Cada um de vocês tem trinta segundos para o atingir. *(segura o cronómetro numa mão e um apito na outra)* Quem quer ser o primeiro?

CARLOS *(levantando o braço)* - Eu!

CONSULTORA - Ao meu sinal! *(apita)*

CARLOS consegue executar o exercício dentro dos trinta segundos, mas de forma desajeitada.

CONSULTORA - Muito bem, terminou dentro dos trinta segundos... *(observando o resultado)* porém precipitou-se, não acha? *(comparando o fio dele com o modelo)* Não concretizou o objetivo. *(apontando para JORGE)* Seguinte?

JORGE - Eu?

CONSULTORA - Ao meu sinal! *(apita)*

JORGE consegue executar o exercício dentro dos trinta segundos e aproxima-se um pouco mais do objetivo.

CONSULTORA *(analisando o resultado)* - Melhor...

CARLOS *(revoltado)* - Oh!

CONSULTORA - Ainda terminou dentro do tempo e... *(comparando o fio dele com o modelo)* ficou muito mais próximo do objetivo.

CARLOS - Oh! Pudera, já me tinha visto a mim a tentar, assim também eu. Isso até um/

CONSULTORA *(interrompendo)* - Não. *(apontando a zona de "Time-out")* Por favor.

CARLOS, irritado, dirige-se para lá.

CONSULTORA - Isto não é uma competição. Estamos aqui para evoluir enquanto grupo, não para nos compararmos aos nossos colegas. Seguinte?

ANA avança.

CONSULTORA - Ao meu sinal! *(apita)*

ANA assusta-se com o apito e perde alguns segundos; depois executa o exercício com minucioso empenho, o que a faz perder tempo. A CONSULTORA apita para marcar o final do tempo. ANA assusta-se, mas tenta ainda concluir o exercício.

CONSULTORA *(tirando-lhe o fio da mão)* - Terminou!

A CONSULTORA *examina o resultado. CARLOS aproxima-se para ver também.*

CONSULTORA – *Tinha potencial, mas como não concretizou no tempo... não é nada.*

ANA *(revoltada)* - *É o apito! É impossível uma pessoa concentrar-se assim!*

CONSULTORA *(apontando a zona de “Time-out”)* - *Por favor...*

ANA *(incrédula)* - *Eu?*

A CONSULTORA *não responde e continua a apontar. ANA afasta-se para a zona de “Time-Out”.*

CARLOS *(para ANA, irónico)* - *Pois é, toca a todos...*

CONSULTORA *(apontando para outro ponto na sala)* - *Não! Por favor.*

CARLOS *(incrédulo)* - *Eu? Mas eu agora não fui negativo.*

CONSULTORA - *Não, não foi. Mas há uma coisa que é ainda pior que a negatividade: a ironia. (voltando a apontar) Por favor.*

CARLOS *afasta-se para a zona de “Ironia”.*

CONSULTORA *(para ÓSCAR)* - *Seguinte! Ao meu sinal! (apita)*

ÓSCAR *executa o exercício de modo irrepreensível e dentro dos trinta segundos.*

CONSULTORA - *Muito bem (enquanto ANA e CARLOS se aproximam para ver o resultado). Fez exatamente o que era pedido, dentro do tempo.*

ÓSCAR *faz uma careta de gozo para os outros nas costas da CONSULTORA. ANA e CARLOS reparam e ficam ainda mais revoltados.*

CONSULTORA *(continuando, sem reparar)* - *E, a acrescentar a isto, uma postura correta, concentração, economia de gestos... e isso permite-nos poupar tempo. E o tempo é...?*

Eles hesitam.

JORGE - *Dinheiro?*

ANA - *Curto?*

CONSULTORA - O tempo é funda...

ANA e CARLOS - ...mental!

JORGE (*para a CONSULTORA*) – Mas agora é para completar as palavras?

CONSULTORA (*avançando para o cubo*) – A maior parte do nosso tempo é desperdiçado em ações que não contribuem em nada para os resultados que queremos. Se pouparmos esse tempo ficamos com tempo para investir em nós, para fazermos as coisas que realmente nos desenvolvem enquanto pessoas. A eficiência dá-nos liberdade, porque nos dá tempo. Só trabalhando com eficácia conseguimos produzir rapidamente uma mudança radical, e o choque provocado por essa mudança tão brusca vai tornar o processo irreversível: nada vai voltar a ser o mesmo!

CARLOS (*motivado*) - Vamos lá então!

A CONSULTORA afasta-se ligeiramente. ANA regressa à caixa dos livros, como se fosse arrumá-la. CARLOS, JORGE e ÓSCAR regressam às caixas e examinam-nas. ÓSCAR escolhe uma caixa que traz consigo para o centro. Põe-na em cima da caixa dos livros.

ÓSCAR - Não vamos complicar! Tiramos uma coisa de cada vez, olhamos para ela e votamos: (*mimando com gestos*) é para guardar, para descartar ou para ponderar?

ANA (*repetindo os gestos dele de modo mais definido*) - Ok! Guardar. Descartar. Ponderar.

CARLOS e JORGE *testam os gestos.*

ÓSCAR (*tira da caixa um bico de camping gás partido*) - Um, dois, três: Descartar!

ANA (*em simultâneo*) - Guardar!

CARLOS (*em simultâneo*) - Descartar!

JORGE (*em simultâneo*) - Hmm... Refletir!

ANA (*para JORGE*) - É “ponderar”.

ÓSCAR (*para ANA*) - Queres guardar isto?

CARLOS - Já viste o estado em que isso está? É lixo!

ANA (*para CARLOS*) - Não é nada lixo. (*para ÓSCAR e JORGE*) Ainda se aproveita, olha! É só levar a alguém que consiga soldar esta peça aqui... isto pode ser soldado, não pode?

CARLOS - Mas quem é que vai fazer isso? Se fosse para reparar, já tínhamos reparado! Ninguém fez nada este tempo todo, querem-me convencer que agora é que vão levar para soldar....

ÓSCAR - *(para JORGE)* Isto com um jeitinho... fica como novo. *(JORGE concorda)* Vamos repetir. Um, dois, três: Ponderar!

ANA *(em simultâneo)* - Guardar!

CARLOS *(em simultâneo)* - Descartar!

JORGE *(em simultâneo)* - Guardar!

CARLOS *(para ÓSCAR)* - Então?!

ANA *(para CARLOS)* - Só há um voto para descartar. Não pode ir fora. Para já guardamos.

CARLOS *fica revoltado.* ÓSCAR dá o objeto a ANA.

ÓSCAR *(tira da caixa uma tesoura corta-mariscos)* - Um, dois, três: Ponderar!

ANA *(em simultâneo)* - Guardar!

CARLOS *(em simultâneo)* - Descartar!

JORGE *(em simultâneo)* - Hmm... Talvez!

ANA *(para JORGE)* - É "ponderar"! Aqui não há dúvidas, isto está novo! Nunca foi usado.

CARLOS - Exatamente, nunca foi usado! E se nunca foi usado, provavelmente nunca vai ser!

ÓSCAR - Vamos repetir. Um, dois, três: Ponderar!

ANA *(em simultâneo)* - Guardar!

CARLOS *(em simultâneo)* - Descartar!

JORGE *(em simultâneo)* - Hmm... Guardar!

ANA - Como eu disse, não há dúvidas!

ÓSCAR *entrega o objeto a CARLOS.*

ÓSCAR *(tira da caixa um ZIP drive)* - Um, dois, três: Descartar!

ANA *(em simultâneo)* - Ponderar!

CARLOS *(em simultâneo)* - Descartar!

JORGE (*em simultâneo*) - Guardar! (*para CARLOS e ÓSCAR, chocado*) Descartar? Não! Vocês estão a ver o que isto é?

ANA e CARLOS - Não.

ÓSCAR - Sim!

JORGE - Isto é um ZIP drive com ligações SCSI!

CARLOS fica impressionado. ANA observa melhor o objeto.

ÓSCAR (*para JORGE*) – E para que é que vamos usar isto? Queres guardar alguma coisa num disco que deixou de ser usado para aí em 2002?

JORGE (*para ÓSCAR*) – Não, mas se ainda tivermos o cabo SCSI podemos converter o que temos nos discos antigos.

ÓSCAR - Ok, vamos repetir: Um, dois, três: Ponderar!

ANA (*em simultâneo*) - Guardar!

CARLOS (*em simultâneo*) - Guardar!

JORGE (*ligeiramente atrasado*) - ... descartar!

Silêncio. Os outros olham para JORGE, sem perceber.

JORGE - Não, é que... lembrei-me agora que se não tivermos uma placa SCSI... não serve de nada ter isto para ligar com o cabo... é uma estupidez...

ANA - Agora é tarde, já decidimos que fica.

ÓSCAR dá o objeto a JORGE.

ÓSCAR (*tira uma medalha da caixa*) - Um, dois, três: Guardar.

ANA (*em simultâneo*) - Guardar.

CARLOS (*em simultâneo*) - Guardar.

JORGE (*em simultâneo*) - Guardar.

ÓSCAR (*guardando a medalha na caixa e tirando uma guilhotina*) - Um, dois, três: Ponderar!

ANA (*em simultâneo*) - Descartar!

CARLOS (*em simultâneo*) - Ponderar!

JORGE (*em simultâneo*) - Guardar! (*para ANA*) Descartar? Mas nós não precisamos disto para cortar a papelada?

ANA - Não. Nós usamos isto para cortar a papelada, mas isso não quer dizer que precisemos! Ou melhor, nós não devíamos precisar, porque não era assim que devíamos fazer isto!

ÓSCAR - Então era como?

ANA - Não devíamos ser nós, devia ser feito por quem sabe fazer!

CARLOS - Sim, tens razão. Idealmente devia ser assim, mas na prática se fossemos fazer isso com todas as pequenas coisas, o orçamento estourava. E até nos temos desenrascado mais ou menos bem a fazer nós.

ANA (*irritada*) - Mas é esse mesmo o problema! Estamos sempre a desenrascar! Temos de mudar esta mentalidade! Isso serviu para o passado, mas não pode continuar a servir para o futuro que queremos! Vocês estão a ver-nos a continuar a fazer isto? Por quanto tempo mais? Um ano, dois anos, dez? (*para ÓSCAR*) Estás a ver-te a guilhotinar porcarias aos setenta e cinco anos? Não achas que mereces melhor?

Silêncio. Mal-estar geral.

JORGE (*subitamente*) - Espera! (*os outros olham para ele, expectantes*) Eu acho que nós ainda temos uma placa SCSI algures... (*afasta-se para a pilha de caixas atrás*)

CARLOS - Assim não avançamos com isto do elefante. Se calhar não devíamos ter começado por uma caixa com coisas tão diferentes. Não era melhor começarmos a arrumar por categorias?

ÓSCAR - Que tipo de categorias? Está tudo espalhado...

CARLOS volta às caixas, procura. ANA e ÓSCAR guardam os objetos que votaram de novo na sua caixa.

CARLOS - Esta só tem roupa, podemos começar por aqui.

CARLOS traz uma caixa de roupa para o centro. Atrás, JORGE procura a placa SCSI, abrindo caixas à sorte. Descobre um leitor de VHS e distrai-se, coloca-o sobre o leitor de K7s e liga-o à corrente. ANA e CARLOS examinam a roupa e separam-na rapidamente em duas pilhas.

ÓSCAR (*referindo a pilha de roupa para deitar fora*) – Mas o que é que vamos fazer a essa roupa, afinal? Vai para o lixo?

ANA - Não. Pomos num daqueles contentores, (*para CARLOS*) não é?

CARLOS - Aqueles que dão a roupa a quem precisa...

ÓSCAR - Caridade?

CARLOS - Caridade... reciclagem... eles depois tratam disso, não é?

ÓSCAR (*irónico*) - Tratam. Claro que tratam. O que estiver em bom estado vai para lojas de roupa em segunda mão. O resto vai para os pobrezinhos e só uma parte pequena é que vai para a reciclagem, que isso fica caro. É um bom negócio. Tu livras-te do que não queres e ficas de consciência tranquila. E os tipos que recolhem arranjam sempre maneira de lucrar alguma coisa. No caso da roupa, é mesmo engraçado: podes cruzar-te com a roupa que deste numa daquelas lojas de cenas vintage.

Atrás, JORGE parece subitamente lembrar-se de algo, sai e regressa com uma guitarra. Volta a sair e regressa com um amplificador, que liga à corrente. Prepara tudo para poder tocar.

ANA (*olhando para a roupa que ia ser descartada*) - Então...?

ÓSCAR - Então? Por mim, podemos pôr a roupa num desses contentores. Não tenham é ilusões sobre o que acontece a seguir.

ANA (*olhando para a roupa que ia ser descartada e depois para CARLOS*) - Vamos ponderar?

CARLOS - E se experimentássemos com outra coisa?

CARLOS dirige-se às caixas. Procura. Regressa com uma caixa cheia de lâmpadas.

CARLOS - Esta vai ser fácil. (*abrindo a caixa*) São só lâmpadas.

ANA - Mas funcionam? Vamos testar todas?

CARLOS (*para ÓSCAR*) - Não temos que testar, pois não? Há aqui algumas que podem ir já fora. Já não se usam. (*pegando numa lâmpada de tungsténio*) Estas...

ÓSCAR - Isso é tungsténio!

CARLOS - Exato, estas já não se usam...

ÓSCAR - São lâmpadas de tungsténio!

CARLOS - Isso, mas já ninguém usa/

ÓSCAR (*interrompendo*) - /são lâmpadas que não têm muito rendimento. (*Explicando*) Gastam muita energia para pouca luminância. Perde-se no aquecimento...

ÓSCAR aproxima-se da caixa e retira a lâmpada da mão de CARLOS. Atrás, JORGE começa a tocar na sua guitarra. ANA e CARLOS afastam-se juntos e olham para eles os dois, confusos.

ÓSCAR – Mas isto ainda é o mais próximo que podemos estar da lâmpada do Edison. Um filamento incandescente. Não era tungsténio, mas era o mesmo princípio. Tem importância histórica. *(pegando numa lâmpada de tungsténio grande)* Esta é igual. Não é bonita? *(pegando numa lâmpada fluorescente)* Estas já são diferentes: têm lá dentro um gás e é a excitação do gás pela corrente elétrica que ilumina. O rendimento é muito melhor, mas não podes usar um reóstato, por exemplo. Para controlares a intensidade com um reóstato, é melhor usares uma destas *(pegando numa dicroica)*, que é halogénio. Isto é tudo uma evolução, percebem? *(entusiasmado, pega numa lâmpada LED)* Mas isto!... isto já não é uma evolução. Não é sequer uma lâmpada, é uma revolução. *(para ANA e CARLOS)* Sabem o que é isto?

CARLOS - Um LED...

ÓSCAR *(triumfante)* - É um díodo! Light Emitting Diode. Isto é um retificador, não foi inventado para iluminar!

ANA e CARLOS, desesperados, sentam-se em caixas. JORGE toca cada vez mais alto.

ÓSCAR - Nos anos 60, começam-se a substituir válvulas por transístores, nos circuitos eletrónicos. As válvulas tinham que aquecer e eram mais instáveis. Os díodos e transístores são muito mais compactos e eficientes e, com a invenção de fotodíodos de alto rendimento, não tens limites! Podes controlar a intensidade e a cor! Isto é o futuro... quero dizer, é o presente e está em desenvolvimento. Já podes fazer quase tudo com LEDs. Todas as cores, todas as intensidades, com muito menos energia. O único problema é com o branco...

ANA - O branco...?

ÓSCAR - Sim. Para teres branco mesmo branco, é muito complicado e muito mais caro. Aliás, o problema do branco nos LEDs é parecido com o problema do negro que havia nas televisões. Nos tubos catódicos— aquilo é uma espécie de canhão de fotões, a varrer o ecrã de cima para baixo e da esquerda para a direita— não se conseguia ter o negro total. *(pegando numa lâmpada de néon)* Por falar em tubos, isto é néon, que é um gás raro. São 7: néon, árgon, cripton, xénon... As fluorescentes costumam usar árgon. E isto *(pegando num arrancador)*, isto é que era! Sabiam que com um arrancador destes, uma lâmpada de tungsténio e um pedaço de celofane, se conseguem pôr as lâmpadas a piscar? Com algum jeito e uns circuitos impressos simples, até dá para pô-las a piscar ao ritmo da música. Nós fazíamos isso nas nossas festas de garagem e aquilo era um sucesso. *(JORGE começa a dedilhar acordes de uma música dos anos 60)* Tudo feito por nós, a malta não tinha equipamento, claro, mas sabíamos como criar ambiente, ligávamos um spot - uma daquelas lâmpadas assim *(explica com gestos)* usadas nas ribaltas dos teatros amadores - um spot na direção da bola de espelhos, depois com as lâmpadas a piscar ao ritmo da música, a seguir a batida, pum-pum-pum! *(começa a saltar, grita)* Tudo a dançar, a aparelhagem a bombar, alta rockalhada... Tudo para impressionar as miúdas!

ÓSCAR termina visivelmente satisfeito enquanto JORGE faz um pequeno solo final na guitarra. ANA e CARLOS estão imóveis, perplexos. Olham um para o outro, fazem um pequeno sinal e aproximam-se da caixa das lâmpadas.

CARLOS (*calmamente*) - Mas então... queres guardar, é?

ÓSCAR (*desprendido*) - Ná, isso pode ir tudo fora... (*pega numa lâmpada de tungsténio de 1000W*) Ou guardamos esta, que é mais bonita... (*pega noutra mais pequena*) Ou uma ou outra destas... para memória futura.

CARLOS olha desesperado para a confusão de lâmpadas no chão. ANA, irritada, dirige-se às caixas.

ANA - Caramba! Mas não há aqui nada que seja mais fácil de escolher? (*tira uma caixa ao calhas*) O que é que está aqui?

JORGE - Isso são os nossos VHS.

ÓSCAR - Ihhh, ainda temos disso?

CARLOS - Vai tudo fora, não temos como ver!

JORGE - Temos, temos! (*aponta o leitor VHS*)

ANA (*tirando um conjunto de K7s VHS da caixa*) - Vamos ver uma a uma?

ÓSCAR - Não, pelas etiquetas percebe-se o que têm e decide-se logo!

ANA distribui as K7s VHS, eles examinam as etiquetas.

CARLOS (*lendo*) - "Viagem"... mas não diz para onde.

ANA (*lendo*) - "Dezembro 1998"... isto pode ser qualquer coisa...

ÓSCAR (*lendo*) - "Não identificada 1", bestial... "Não identificada 2"...

JORGE (*lendo*) - "Versão sem Som"?

JORGE dirige-se ao leitor e coloca lá dentro a sua K7 VHS.

CARLOS (*lendo*) - "Hernâni". Hernâni?

ÓSCAR - Quem?

ANA - Hernâni?

ANA e CARLOS (*lembrando-se*) - Eih...

CARLOS - ... aquele gajo!

ÓSCAR - Quem?

ANA (para ÓSCAR) - Não conheceste...

A imagem do filme na K7 aparece subitamente projetada num monte de caixas.

ANA - Olha, somos nós!

Eles sentam-se juntos a ver o filme. Na imagem, ANA, CARLOS e ÓSCAR dobram t-shirts enquanto JORGE toca guitarra. ANA e CARLOS parecem estar a tentar seguir o modo como ÓSCAR dobra a sua t-shirt.

CARLOS - O que é que estávamos a fazer?

JORGE - É mesmo sem som...

ÓSCAR - Não me lembro disto...

CARLOS - Eu lembro-me mas não estou a ver quando foi...

ANA (para JORGE) - Já tocavas naquela altura...

ÓSCAR (para JORGE) - O que é que estavas a tocar?

JORGE - Não sei, não consigo perceber. *(melancólico)* Mas lembro-me bem daquela guitarra!

CARLOS - Porque é que filmámos isto?

Na imagem, JORGE pára de tocar e bate palmas para chamar a atenção dos outros. Parece estar a apontar para o que é preciso arrumar.

ÓSCAR (para JORGE) - Naquela altura tinhas mais confiança...

JORGE - Vocês é que me prestavam mais atenção.

Na imagem, os quatro dirigem-se a uma caixa de onde ÓSCAR retira um par de binóculos. Parecem discutir calmamente o que fazer ao objeto.

ANA - Eu acho que estou na mesma, mas vocês parecem-me diferentes...

ÓSCAR - Estamos com melhor ar, não é? Mais novos.

ANA - Não... vocês parecem mais... simpáticos...

ÓSCAR - De facto. *(para Carlos)* Ali pareces mais calmo. Mais atencioso.

JORGE - Éramos mais felizes?

Na imagem, JORGE pega na cabeça de uma esfregona que encontra no chão e examina-a. CARLOS vai retirando sucessivos pares de binóculos da caixa e pergunta algo a ANA.

CARLOS - Tanta coisa!

Na imagem, JORGE começa a falar com um ar grave, empunhando a cabeça da esfregona. Os outros param a escutá-lo; parecem comovidos.

CARLOS - Estávamos tristes? Mas parecemos muito amigos, não?

JORGE - Eu estava muito mais magro... estava mesmo fantástico!

Na imagem, JORGE deixa cair a cabeça da esfregona ao chão. Eles parecem questionar qualquer coisa. Subitamente, JORGE olha diretamente para a câmara e aproxima-se dela, falando para os outros.

TODOS - Ahhh...

JORGE - Nós sabíamos que estávamos a ser filmados...

ANA - Pois... mas porque é que filmámos isto?

Na imagem, JORGE afasta-se e CARLOS toma o seu lugar. Explica algo de modo assertivo para a câmara.

CARLOS - Aqui eu devia estar a explicar como é que isto se faz!

ÓSCAR - Ná, *(aponta para JORGE)* Ele é que te disse para falares!

CARLOS - Mas eu estou claramente com ar decidido. E vocês estão a ouvir-me.

Na imagem, CARLOS continua a falar para a câmara. Atrás dele, os outros observam mas não parecem satisfeitos. ÓSCAR faz um pequeno gesto de dúvida.

ANA *(para ÓSCAR)* - Ihh, ali foste... quase desagradável...

ÓSCAR - Há qualquer coisa que não está bem...

Na imagem, CARLOS acaba de falar para a câmara e vira-se para os outros, que parecem exprimir um certo desacordo.

CARLOS *(chocado)* - Estão a criticar-me?

ÓSCAR - Oh, porque estavas a fazer mal!

CARLOS (*zangado*) - A fazer mal o quê? Nem sabes o que é que eu estava a fazer!

ÓSCAR (*grita*) - Não interessa, fizeste mal!

CARLOS (*grita*) - Olha, fizesses tu, então!

ANA (*para CARLOS*) - Se calhar quiseste ser o primeiro e não estavas preparado... já naquela altura...

CARLOS, zangado, levanta-se, empurra a caixa de roupa para o centro e começa a tirar tudo; depois enfia à força a roupa dentro da caixa. ANA e ÓSCAR observam, cansados. JORGE regressa à sua guitarra. A CONSULTORA aproxima-se de CARLOS.

CONSULTORA (*para CARLOS*) - O que é que está a fazer?

CARLOS - Estou a... arrumar.

CONSULTORA - Não, não está. Está a alimentar o elefante.

CARLOS - Eu?!

CONSULTORA - Dê-me aquela camisola vermelha que há pouco tinha na mão.

CARLOS tira tudo o que tinha arrumado até recuperar a camisola vermelha que estava no fundo.

CARLOS (*entregando*) - Está aqui.

A CONSULTORA pega na camisola vermelha por um momento, depois deixa-a cair no chão. Retira da caixa quatro t-shirts.

CONSULTORA - De nada interessa poupar tempo a arrumar sem critério e sem estratégia de organização. Isso apenas nos vai fazer perder tempo mais à frente. Sabem quanto tempo perdemos por dia à procura de coisas?

ANA - Depende das pessoas e das coisas... mas deve ser muito... talvez uns.../

CONSULTORA (*interrompe-a com um gesto*) - Não era para responder. Era uma imagem...

ANA - Ah!

CONSULTORA - ... mas são dez minutos. (*distribui as t-shirts entre ANA, CARLOS e ÓSCAR e fica com uma na mão*) Imaginem o tempo que poupamos se soubermos onde as coisas estão.

JORGE faz menção de pousar a guitarra e receber uma t-shirt.

CONSULTORA (*para JORGE*) - Não. Deixe-se estar.

JORGE volta a sentar-se junto da guitarra e começa a dedilhar uma música suave. ÓSCAR repara que o filme ainda está a ser projetado e pára o leitor de VHS. A CONSULTORA aproxima-se do cubo.

CONSULTORA – Imaginem que cada coisa tem o seu sítio certo, o seu destino, a sua “casa”. E que foi guardada de um modo que não só permite uma melhor relação com ela, mas que, principalmente, a respeita.

A CONSULTORA deita a t-shirt que tem na mão sobre o cubo, ajoelha-se e faz sinal aos outros para que a sigam. ANA e CARLOS ajoelham-se um de cada lado. ÓSCAR aproxima-se deles, mas fica de pé mais atrás. JORGE permanece sentado, dedilhando a guitarra.

CONSULTORA (*demonstrando*) - Vamos estender a nossa peça de roupa cuidadosamente, com a cara virada para nós, (*indica a gola*), cara com cara. Vamos traçar uma linha de alto a baixo, dividindo a nossa peça de roupa em dois, longitudinalmente. Em seguida, vamos pegar num dos lados, e gentilmente dobrá-lo para dentro, em direção à linha que traçámos. Agora uma segunda dobra, para fora, eliminando o excedente. (*dobra a manga*) Repetimos com o outro lado. É importante que o movimento seja fluído, contínuo. Em seguida traçamos uma nova linha, dividindo mais uma vez a peça ao meio, mas agora na transversal. (*espeta o dedo a marcar o centro da t-shirt*) Descobrimos assim o centro da nossa peça. Vamos dobrá-la ao meio. (*olha para eles para que tomem mais atenção*) Em seguida traçamos duas novas linhas, que vão dividir a peça em três partes exatamente iguais (*traça uma linha numa direção, a segunda noutra*). E dobramos. (*pega na t-shirt dobrada*) A nossa peça de roupa ocupa agora menos espaço, e está pronta a ser arrumada.

ANA e CARLOS observam a peça com interesse.

CONSULTORA - Vamos experimentar? (*incentiva JORGE a tocar mais alto*) Lembrem-se: Não é uma competição.

ANA e CARLOS dobram as suas t-shirts no chão, empenhados e seguindo-se um ao outro com o olhar. Exageram um pouco na imitação do que viram.

CONSULTORA - Sem exagerar. Sem movimentos desnecessários.

ANA e CARLOS terminam e pegam nas suas t-shirts dobradas, satisfeitos.

CONSULTORA - Muito bem. E agora vamos ao teste derradeiro! (*mostrando a sua t-shirt*) Aquilo que procuramos é a harmonia na organização, um equilíbrio completo do objeto no espaço, o ponto onde nós, o objeto e o próprio universo, podemos dizer, nos encontramos e somos um só. Procuramos o (*colocando a t-shirt em pé no centro do cubo*) “sweet spot”!

ANA e CARLOS parecem fascinados. ÓSCAR observa com uma expressão de gozo. JORGE deixa uma corda a soar na guitarra.

CONSULTORA - Vamos ver se conseguiram? *(faz sinal para que coloquem as suas t-shirts também no cubo)*

ANA E CARLOS, receosos, tentam colocar as suas t-shirts em pé. ANA desequilibra-se, mas consegue fixar a sua t-shirt. CARLOS mantém um equilíbrio irrepreensível, mas, no último segundo, a sua t-shirt tomba. CARLOS fica angustiado e quase exprime um sentimento negativo. CONSULTORA faz um gesto a CARLOS para que contenha a negatividade.

ANA *(para CARLOS)* - Se calhar foste muito rápido?

CONSULTORA *faz um gesto a ANA para que contenha a ironia.*

ÓSCAR - Depressa e bem...

CARLOS *(conformado)* - ... não há quem.

ÓSCAR - Há pouco quem.

CONSULTORA *(para ÓSCAR)* - Quer experimentar?

ÓSCAR *(irónico)* - Dobrar uma t-shirt? Com certeza. Dá-me licença?

A CONSULTORA afasta-se. ÓSCAR aproxima-se do cubo e dobra a sua t-shirt em poucos segundos com três movimentos curtos. Atira-a para cima do cubo. Depois muda de ideias, pega na sua t-shirt e equilibra-a de pé no cubo, deitando abaixo a t-shirt de ANA e da CONSULTORA.

ÓSCAR *(para ANA e CARLOS)* - Foi para isto que parámos?

PARTE 3 – ESPIRITUALIDADE

JORGE parece acordar subitamente e pousa a guitarra.

JORGE *(assertivo)* - Vamos lá! Vamos lá! Ainda não arrumámos nada!

Os outros olham para ele, surpreendidos.

ANA - Isto não é só “arrumar”. Não é só meter coisas em caixas e já está! *(para CONSULTORA)* Pois não?

CARLOS - Ele tem razão. Estamos a perder tempo!

ANA - Se soubermos o que estamos a fazer, não estamos a perder tempo! Estamos a ganhar tempo!

CARLOS - Mas temos de começar a deitar coisas fora!

ÓSCAR - Vamos lá!

CARLOS, ÓSCAR e JORGE voltam às caixas. JORGE tira uma caixa e passa-a a CARLOS. ÓSCAR e CARLOS trazem a caixa para o centro e começam a examiná-la. JORGE fica atrás a ver outras caixas. ANA observa, ansiosa.

ANA - Espera! Não podemos começar já a deitar coisas fora. Não é assim tão simples. Isto não é só uma questão prática.

ÓSCAR (*para ANA*) - Não é só uma questão prática? E o que é que isso de não ser só uma questão prática quer dizer?

ANA - Quer dizer... que o que fazemos a cada coisa que temos devia ser um reflexo do que somos e, mais importante, do que queremos vir a ser! (*olha para a CONSULTORA à espera de aprovação; esta sorri, mas não responde*)

ÓSCAR - Ah. E na prática: o que é que fazemos a isto? (*mostrando-lhe um pano de limpeza que tira da caixa*) Deitamos fora? Ou guardamos?

ANA - Depende.

CARLOS - Depende de quê?

ANA (*pegando no pano de limpeza*) - Depende de quê? Então depende... eu digo-te de que é que isto depende... depende de percebermos o papel que este objeto tem na nossa vida... o papel que teve no passado... o papel que pode ainda vir a ter no futuro... depende de tanta coisa.

CARLOS (*tirando da caixa sucessivos panos semelhantes ao primeiro e lançando-os violentamente na direção de ANA*) - E este? Depende? E este? E este? E este? E este?

Pausa. Eles olham para os panos espalhados pelo chão. A CONSULTORA aproxima-se.

CONSULTORA (*pegando no pano que ANA tem na mão*) - Não é fácil, pois não? É quando decidimos olhar para aquilo que acumulámos que percebemos o apego que realmente temos aos objetos. Mas há apenas duas razões para guardar uma coisa. Duas perguntas que temos de fazer: (*mostrando o pano*) Este objeto é necessário?

CARLOS - Não!

ANA (*em simultâneo*) - Depende.

CONSULTORA - Se for necessário, guardamos. Se não for, colocamos a segunda pergunta: Este objeto desperta alegria?

ÓSCAR (*incrédulo*) - Alegria?

CONSULTORA (*demonstrando*) - Vamos pegar no objeto com as duas mãos - isto é fundamental - e sentir o que ele nos provoca no corpo. Se um objeto nos trazer alegria, o nosso corpo reage automaticamente, sentimos uma centelha irreprímível (*agarra o pano com mais força, estremece*) Sparks joy!

Eles observam-na, espantados.

JORGE - Coisa estranha...

CONSULTORA (*entregando-lhe o objeto*) - Quer experimentar?

JORGE (*em pânico*) - EU? (*agarra o pano*)

CONSULTORA - Diga-me o que sente.

JORGE - O que sinto?

CONSULTORA - Observe o seu corpo... coloque as mãos para perceber melhor... o que é que está a acontecer no seu corpo?

JORGE - Sinto... sinto... (*olha em volta, perdido*)

CONSULTORA - JOY? (*aspirando*) Joyyyy....

JORGE - Joy? Não sei... não tenho a certeza... (*apalpando o copo*) Joy... joy... hmmm... acho que...

ÓSCAR *aproxima-se deles e olha para JORGE, espantado.*

CONSULTORA - Nada?

JORGE - Acho que... nada... (*entrega rapidamente o pano à CONSULTORA e afasta-se*)

CONSULTORA (*entregando o pano a ÓSCAR*) - Quer experimentar?

ÓSCAR *agarra o pano.*

CONSULTORA - Está a sentir? (*aspirando*) Joyyyy...

ÓSCAR (*ligeiramente irónico*) - Estou a sentir, estou...

CONSULTORA (*radiante*) - Está a sentir a centelha? Onde? Onde é que está a sentir?

ÓSCAR - Onde?

CONSULTORA - No corpo, onde é que sente no corpo?

ÓSCAR (*irónico*) - No corpo? Onde é que eu sinto a centelha no corpo?

ÓSCAR *ameaça responder, mas subitamente entrega-lhe o pano e afasta-se para a zona de "Ironia".*

CONSULTORA (*entregando o pano a ANA*) - Quer experimentar?

ANA (*empenhada*) - Quero.

ANA *agarra o pano com força, esforçando-se por sentir.*

CONSULTORA - Não finja. Não é para representar. É para sentir, sentir mesmo... (*aspirando e passando uma mão no rosto de ANA*) Joyyyyyy...

JORGE *olha, espantado, alternadamente para ANA, para a CONSULTORA e para ÓSCAR. ANA tenta sentir sem sucesso e devolve o pano à CONSULTORA, frustrada.*

CONSULTORA (*para ANA*) - Nada? (*estendendo o pano a CARLOS*) Quer experimentar?

CARLOS *aceita, agarra o pano e fecha os olhos por uns segundos.*

CARLOS (*abrindo os olhos*) - Não...

CONSULTORA - Vá lá, tente mais um pouco. (*aspirando*) Joyyyyyyy...

CARLOS *tenta novamente com um pouco mais de empenho.*

CARLOS (*desistindo*) - Não. Nada.

CONSULTORA - Isto é maravilhoso! Estão todos em sintonia! Ninguém sente nada!

Eles olham uns para os outros, confusos.

CARLOS - Então pode ir fora? É isso? (*ameaçando descartar o pano*) Pode ir fora?

CONSULTORA - Pode. Claro que pode. É até caso para celebrar: finalmente estão todos de acordo! Um abraço?

ANA, CARLOS e JORGE *abraçam-se, desconfortáveis. ÓSCAR aproxima-se, sem perceber o que está a acontecer, e é abraçado pelos outros.*

CONSULTORA - Isso, um abraço sentido.

Eles olham uns para os outros, hesitantes.

CARLOS - Era para sentir?

CONSULTORA (*sem prestar atenção a CARLOS*) - Vamos então deitar fora o objeto que decidimos descartar. (*CARLOS avança para a zona do lixo com o pano, mas ela interrompe-o*) Não! Temos que reconhecer o que o objeto fez por nós, agradecer-lhe e despedirmo-nos com a dignidade que ele merece.

ÓSCAR *parece querer dizer qualquer coisa, mas subitamente afasta-se para a zona de "Time-out". A CONSULTORA faz sinal a CARLOS para que tente.*

CARLOS (*hesitante*) - Obrigado, pano... por... por tudo o que fizeste...por limpares o... (*olha para ANA pedindo ajuda, passa-lhe o pano*)

ANA (*afrita*) - Obrigado, pano... por teres... por... (*para JORGE*) Não queres ser tu a dizer umas palavras? (*para a CONSULTORA*) Ele tem muito jeito para este tipo de... (*para JORGE*) hãh?

JORGE *agarra o pano, hesitante. Aclara a garganta e põe um ar grave. ANA e CARLOS aproximam-se dele.*

JORGE (*com uma voz embargada*) - Obrigado, pano. É com enorme tristeza que nos juntamos hoje aqui para assistir à tua partida. Neste momento difícil, recordamos a dignidade com que desempenhaste as tuas funções, o modo como estiveste sempre disponível para limpar as nossas impurezas. Obrigado por teres sempre estado ao nosso lado. Existirão outros panos, mas nenhum com a história deste. Porque neste pano está escrita a nossa própria história.

ÓSCAR *aproxima-se, curioso.*

JORGE - Lembro-me bem da primeira vez que nos juntámos para trabalhar e... o espaço que arranjámos na altura era... não era... não estava propriamente em condições, mas não tínhamos alternativas, naquele tempo as coisas eram mais difíceis, e foi preciso arregaçar as mangas... deitar fora aquele lixo todo, varrer... havia teias de aranha por todo o lado, garrafas no chão, mas nós acreditávamos que íamos conseguir fazer daquele sítio a nossa casa, o nosso espaço de trabalho... olhávamos para aquela sujidade toda e conseguíamos imaginar outra coisa, outro futuro, um futuro que só dependia de quisermos estar juntos e de acreditarmos na nossa capacidade de construir o nosso próprio caminho. E nesse momento tu estavas lá, pano! Limpaste-nos as mãos, encardidas numa mistura de pó, suor, bolor, dejetos de pombos... até sangue... Tudo isto tu limpaste, excedendo-te na tua capacidade de absorção, na tua entrega ao nosso sonho.

Pausa. Todos parecem comovidos.

JORGE - É mesmo triste ver desaparecer um pano que serviu tão condignamente o seu tempo e a sua história.

ÓSCAR - É algodão?

JORGE - Desculpa?

ÓSCAR - É 100% algodão?

JORGE (*verificando a etiqueta*) - É, é... e lava-se a 40 graus...

ÓSCAR - Então se é 100% algodão ainda pode ser reciclado!

JORGE (*mais animado*) - Ai, pode? (*para o pano*) Ouviste, pano? Isto não é o fim! Isto é o início de uma nova vida, de uma metamorfose, amanhã poderás ser outra coisa, estar na mão de outra pessoa a servir outro sonho! Boa viagem!

JORGE deixa cair o pano na zona do lixo.

ÓSCAR (*olhando para tudo o que está por arrumar*) - Vamos fazer isto para todas as coisas que temos? Uma a uma?

ANA (*olhando o pano*) - Como é vamos guardar estas coisas? Quero dizer, as coisas que não são coisas...

CARLOS - Quais coisas?

ANA (*apontando para JORGE*) - Isto! Os nossos momentos, a nossa história, estas memórias que não estão arrumadas em lado nenhum... não devíamos ter uma maneira de as guardar também?

ÓSCAR (*entredentes*) - Estamos lixados... (*para os outros*) Vamos parar para escrever um livro de memórias?

JORGE dirige-se às caixas no fundo.

JORGE - Podemos gravar! (*retira um gravador de voz de dentro de uma caixa*) Deixa ver se há espaço aqui... (*faz play na K7 que está no gravador; ouve-se a voz de um deles a falar, as vozes dos outros por trás; o som termina*) Não sobra muito, mas ainda há um espacinho... (*olha para a fita*)... para aí um minuto...

CARLOS (*impaciente*) - Alguém tem alguma coisa que queira gravar? Que caiba num minuto?

ANA - Eu tenho (*JORGE aproxima-se dela; começa a gravar*). Há algum tempo atrás... há alguns anos... quero dizer, há muitos anos... houve uma altura em que nós achámos que era bom fazermos outras coisas juntos, não nos encontrarmos só para trabalhar, e costumávamos ir até ao parque, fazer algum desporto e jogar futebol para descontrair. Nenhum de nós era particularmente bom a jogar, mas o que interessava era divertirmo-nos, não era uma competição. E um dia, estávamos nós a jogar numa zona de relva ao lado de um lago, e há um colega que me passa uma bola, eu chuto com toda a força e PUMBA, a bola vai parar ao lago! Jogo parado, "o que é que fazemos agora?", a bola a ser levada pela corrente, até que alguém se lembra que tem outra bola no carro! Vem a segunda bola e continuamos a jogar, a pensar que se calhar a primeira bola ainda volta para a margem e ainda conseguimos recuperá-la no final do jogo. Continuamos a jogar, até que, de repente,

eu passo a bola a outro dos meus colegas, ele chuta com toda a força e PUMBA! Segunda bola no lago/

JORGE (*interrompendo*) - /acabou o tempo!

ANA - Já? Mas ainda faltava a melhor parte!

CARLOS - Não pode ficar assim. Parecemos uns parvos que nem conseguimos ir fazer um jogo de futebol sem mandar as bolas para o lago!

ANA - Não, mas eu ia contar a parte final, quando ficámos todos juntos à volta do lago a tentar recuperar as bolas, uns com os ramos compridos a tentar chegar lá, os outros a tentar mudar a direção da corrente, e no fim uma delas lá veio e conseguimos salvá-la, e como nos fartámos de rir com a nossa/

CARLOS (*interrompendo*) - Pois, ias contar mas não chegaste lá, não foi? Não podemos gravar outra vez?

JORGE - Poder podemos... mas tem de ser por cima desta.

ÓSCAR - Eu gravava outra, assim é que não pode ficar.

CARLOS - Deixa-me tentar. (*JORGE aproxima-se dele e começa a gravar*) Éramos sete e tínhamos alugado uma carrinha. Estávamos a caminho da costa, para apanhar um barco e percebemos que estávamos atrasados. Decidimos tomar um atalho e mais à frente fomos confrontados com um obstáculo. Não sabíamos o que fazer, mas com alguma ajuda lá conseguimos contornar o obstáculo e chegar ao nosso destino.

Pausa. Ouvem a fita ainda a correr.

JORGE - Ainda tinhas trinta segundos... Desperdiçaste muita fita!

ÓSCAR - Isso não teve mesmo interesse nenhum!

ANA - Tu não contaste nada! Nada que valha a pena contar... foram só factos!

ÓSCAR - Nem se percebeu a nossa atrapalhão, nem que estávamos no meio de uma floresta...

ANA - E nem explicaste que a ajuda foi de um grupo de motards que apareceram do meio do nada...

ÓSCAR - E que é isso, "um obstáculo"? Era um monte de bosta de cavalo!

JORGE (*para CARLOS*) - Eles têm razão. Não tem paixão, não tem ciúme, não tem poder; as constantes humanas, percebes?

ANA - E se só temos um minuto de gravação, vamos desperdiçar fita?

ÓSCAR - Eu trato disto. *(para JORGE)* Dá-me o gravador. *(começa a gravar)* Isto passou-se numa noite em que tínhamos ido todos jantar juntos, um jantar de Natal. Comemos, bebemos, trocámos prendas, um convívio bestial. Quando estávamos a sair do restaurante, passa por nós um rapaz, que deixa cair uma coisa ao chão e segue caminho. Eu dobro-me para apanhar o que ele deixou cair, e qual não é o meu espanto quando vejo um maço de notas, todas dobradinhas. Uma pipa de massa! Ficámos todos de boca aberta, “o que é que fazemos, devolvemos o dinheiro ou ficamos com ele?”, mas logo percebemos que tínhamos de fazer a coisa certa. Começámos a chamar o rapaz, mas ele não nos ouvia e vimo-lo a dobrar uma esquina mais à frente. Desatámos a correr, dobrámos a esquina e, damos de caras com o rapaz, que estava parado à nossa espera com um grupo de amigos. Um deles saca de uma ponta e mola e diz “Passem para cá todo o vosso dinheiro”. Ou seja, aquilo tinha sido um esquema, o maço de notas era só um maço de papéis dobrados com uma nota por cima para disfarçar, e à conta de querermos fazer a coisa certa acabámos por ser todos roubados! Aprendemos uma bela lição. *(para JORGE, devolvendo o gravador)* Toma. Um minuto. Impecável.

Silêncio. CARLOS e ANA estão confusos, JORGE sorri, mas dá conta da confusão.

CARLOS - Eu não me lembro disso.

ANA - Nós fomos roubados? Todos juntos? Depois de um jantar de Natal? É que não me recordo.

JORGE *(para ÓSCAR)* - Olha que não foi impecável. Eu lembro-me disso, mas eles não estavam lá. Olha que foi antes deles.

ANA - Vamos arquivar uma memória onde não estamos todos?

ÓSCAR *(irritado)* - Assim é que não vamos a lado nenhum: ou é porque não completa o argumento, ou é porque sintetiza demais ou é porque não estavam lá todos. Estamos sempre a parar.

CARLOS - Calma. Calma que eu resolvo isto. *(faz sinal a JORGE para que se aproxime e comece a gravar)* Naquele ano decidimos fazer o jantar de Natal num restaurante que ficava para o interior, no meio de uma montanha. As estradas estavam cobertas de neve e à medida que penetrávamos na floresta, sentíamos uma ligação muito profunda uns com os outros. E subitamente, já em plena montanha, tivemos um furo e foi necessário mudar o pneu; todos juntos e com a preciosa ajuda de um motard que passava ali. Depois, a refeição foi maravilhosa, um ambiente divertido, um convívio fraterno. No final saímos para o exterior, tudo branco de neve, e lá fora, na clareira, decidimos jogar futebol, em cima da neve, estava a ser tão divertido. E é então que eu dou um chuto na bola, com muita força, que a faz desaparecer para lá da orla do bosque que rodeava o restaurante. Desatámos todos a correr, entrámos no bosque e demos de cara com um grupo de pessoas de machados em punho - deviam ser lenhadores - que tinham a bola na mão e nos disseram “Agora a bola é nossa”. Nós recuámos para a clareira, sem saber o que fazer. Nunca tínhamos imaginado que a nossa felicidade e a nossa bola pudessem ser tão perigosas. *(para JORGE)* Tempo?

JORGE - Tempo? Praticamente um minuto.

CARLOS (*para ANA*) - Esta não falha nenhuma das tuas regras, certo?

ÓSCAR (*irónico, para ANA*) - Se calhar devias ter acrescentado que só arquivávamos memórias verdadeiras.

JORGE - Mas o que é que é uma memória verdadeira?

ANA (*para CARLOS*) - Pois, não podes pegar nas memórias todas e confundi-las assim. Este passado é de todos.

CARLOS (*zangado*) - É de todos, vírgula! É DE TODOS, VÍRGULA!

ANA - É, SIM!

ÓSCAR (*zangado, para CARLOS*) - O que é que queres dizer com essa merda?

JORGE (*gritando mais alto que todos*) - FODA-SE!

Silêncio. Eles olham uns para os outros. Afastam-se para a zona de "Time-out". Regressam passado trinta segundos.

JORGE (*afetando calma*) - Mas o que é que é uma memória verdadeira?

CARLOS (*afetando calma*) - Uma memória verdadeira é o que tiver ficado registado.

ÓSCAR - O que estiver registado? Como aquilo que vimos há pouco em vídeo? Aquela cena de que ninguém se lembra e em que nem sequer nos reconhecemos?

CARLOS - Ninguém se lembra?! Pudera, vimos aquilo à corrida.

JORGE - Se calhar se víssemos outra vez, com mais calma, começávamos a lembrar outra vez.

ANA - Isso se calhar ajudava...

JORGE dirige-se ao leitor VHS e põe o filme outra vez.

ÓSCAR - Pronto, mais uma paragem...

Eles sentam-se a ver o filme. Na imagem, ANA, CARLOS e ÓSCAR dobram t-shirts e parecem estar a discutir, enquanto JORGE toca guitarra.

CARLOS - Olha, eu já me estou a lembrar.

ÓSCAR (*irónico*) - A lembrar de quê? De já teres visto este filme?

CARLOS - Até te digo que estou a ouvi-lo tocar. *(para JORGE)* Vai buscar a guitarra.

JORGE vai buscar a guitarra. Dirige-se à zona de lixo e recupera o pano descartado para a limpar. Prepara-se para tocar.

JORGE *(para CARLOS)* - Mas toco o quê?

CARLOS - Não te lembras? Guia-te pelos acordes.

JORGE tenta sincronizar-se com a imagem de si próprio e começa a tocar.

CARLOS - Então, não me digam que não se lembram!

Na imagem, JORGE para de tocar e bate palmas para chamar a atenção dos outros. Parece estar a apontar para o que é preciso arrumar. Parecem irritados.

ANA - Eu lembro-me que estávamos a arrumar...

ÓSCAR – Ai, tu lembras-te? E então, estávamos a arrumar para quê? *(para JORGE)* Aqui já tinhas parado de tocar. *(JORGE pára)*

Na imagem, os quatro dirigem-se a uma caixa. JORGE encontra no chão o cabo de uma esfregona e apanha-o.

ANA *(para ÓSCAR)* - Até me lembro que tu agora vais mostrar-me uns binóculos.

Na imagem, ÓSCAR retira da caixa uma placa de identificação.

ANA *(corrige)* - Aliás, uma placa de identificação *(enquanto se vê a si própria a falar)* E eu começo a explicar que temos de avaliar cuidadosamente o que temos para não nos precipitarmos. *(para CARLOS)* E tu não concordas comigo...

Na imagem, CARLOS retira da caixa sucessivas placas de identificação, que atira violentamente na direção de ANA.

CARLOS *(para ANA, enquanto se vê a si próprio agir)* - Agora, eu estou a tentar ajudar-te a perceber o meu ponto de vista.

ÓSCAR *(irónico, para CARLOS)* - Estavas mesmo empenhado em ajudá-la. *(para ANA)* E tu percebeste?

Na imagem, JORGE começa a falar com um ar grave, empunhando o cabo da esfregona. Os outros param a escutá-lo.

ÓSCAR *(para JORGE)* – E tu, o que é que estás a dizer aqui?

JORGE (*dobrando com eficiência*) - Obrigado, esfregona. É com enorme tristeza que nos juntamos hoje aqui para assistir à tua partida. Neste momento difícil, recordamos a dignidade com que desempenhaste as tuas funções, o modo como estiveste sempre disponível para “limpar as nossas impurezas”. Obrigado por teres sempre estado ao nosso lado. Existirão outras esfregonas, mas nenhuma com a história desta.

Na imagem, JORGE deixa cair o cabo da esfregona. Parecem discutir qualquer coisa.

ANA (*tentando dobrar o que diz no filme*) - Tantas memórias... Deveríamos conseguir guardá-las.

CARLOS *tenta também dobrar o que diz no filme, mas não acerta no tempo de arranque das frases.*

ANA (*dobrando o que diz no filme*) - Não haverá uma forma de guardar estes testemunhos do que tem sido esta nossa fantástica viagem em conjunto?

ÓSCAR (*dobrando o que diz no filme*) - Temos de refletir...

Na imagem JORGE olha diretamente para a câmara e aproxima-se dela, falando para os outros.

JORGE (*dobrando com eficiência*) - Podemos gravar. Aproveitamos ter aqui uma câmara. Qual é a primeira coisa que vamos gravar?

Na imagem, JORGE afasta-se e CARLOS toma o seu lugar. Explica algo de modo assertivo para a câmara.

CARLOS (*dobrando com dificuldade*) - Calma. Temos que estabelecer algumas regras. Todos temos que reconhecer... (*corrige*) Devemos ser fiéis à nossa memória coletiva e respeitar as nossas idiossincrasias. Devemos ser concisos, mas não podemos eliminar as constantes humanas: paixão, ciúme e poder.

Na imagem, os outros parecem irritados com CARLOS.

ÓSCAR (*dobrando*) - Acho que estamos todos de acordo!

ANA (*dobrando*) - Sintetizaste muito bem. Não falta nenhuma regra... está tudo claro.

Na imagem, CARLOS junta-se aos outros e começam a discutir violentamente.

ÓSCAR (*cínico*) - Claríssimo...

Na imagem a discussão deles evolui para o confronto físico.

JORGE (*envergonhado*) - Acham que devemos guardar isto?

ÓSCAR - A questão não é se devemos, é se queremos...

ANA - Queremos?

Olham uns para os outros.

TODOS - Não.

JORGE pára o leitor de VHS, retira a K7 e dirige-se à zona do lixo.

JORGE - Deitamos fora?

CARLOS - Não... *(enquanto vai buscar um maço à caixa das ferragens)* é mais seguro destruir. *(para JORGE, enquanto lhe entrega maço)* Tratas disto?

JORGE *(incomodado)* - Partir mesmo? Esmigalhar isto? O nosso filme? Faz-me impressão...

ÓSCAR *(tirando a K7 VHS e o maço das mãos de JORGE)* - Dá cá isso. *(hesitando, para CARLOS)* Mas achas mesmo que é preciso fazer isto assim, com um maço? Não é demais?

ANA *(grita, desesperada)* - Caramba! Ninguém é capaz de destruir uma K7? Uma porcaria de uma K7? Estamos assim tão agarrados às coisas que nem nos conseguimos libertar de uma K7 que não queremos guardar? *(dirigindo-se ao caixote das K7 VHS e retirando uma ao calhas)* Olha, eu mostro-vos como se faz!

ANA tira o maço da mão de ÓSCAR e destrói a K7 com violência. No final parece ter atingido alguma espécie de êxtase. CARLOS, JORGE e ÓSCAR observam, surpreendidos. ÓSCAR apanha o invólucro da K7 e examina-o.

ANA - Pronto! HUH! Isto foi mesmo bom! UAU! Vocês nem imaginam a sensação de... o alívio, o... HUH! Menos uma coisa!

ÓSCAR *(continuando a segurar a K7 do filme)* - Boa. Destruíste a K7 de limpeza.

JORGE *(muito consternado)* - Ó pá! Isso dava jeito para manter o leitor em boas condições. E, agora, já não se arranja em lado nenhum.

ANA, em estado de choque, olha para os restos de K7 à sua volta.

PARTE 4 - MIND SET

A CONSULTORA aproxima-se com uma caixa que traz do fundo.

CONSULTORA - Agora sim, agora o vosso elefante está mesmo muito grande.

ÓSCAR (*acusador*) - E de quem é a culpa?

CONSULTORA - Aqui não há culpas. Aqui há um problema que vocês não resolvem. (*para ANA*) E porque é que não resolvem? (*ANA não responde*) Porque estão desde o início a seguir pelo caminho errado.

A CONSULTORA pousa a caixa junto do quadrado. ÓSCAR e JORGE entreolham-se, parecem fartos dela. Afastam-se na direção das caixas.

CONSULTORA - Ou melhor, meteram-se ao caminho sem escolher por onde ir. Estão a evitar as grandes decisões que precisam de ser tomadas. As grandes decisões requerem coragem!

A CONSULTORA faz sinal a ANA e CARLOS para se aproximarem. Eles aproximam-se, confusos.

CONSULTORA (*apontando o espaço todo*) - O que é que temos aqui? (*eles não sabem o que responder; ela aponta a caixa*) O que é que temos aqui?

ANA e CARLOS olham para a caixa. A CONSULTORA faz sinal para eles não responderem. Retira da caixa uma pilha de papéis que dá a ANA, depois outra que dá a CARLOS. Atrás, ÓSCAR e JORGE escolhem uma caixa e começam a examiná-la.

CONSULTORA - Como é que se organizava isto? Mostrem-me.

ANA e CARLOS começam a organizar os seus papéis no chão, de ambos os lados do cubo, utilizam estratégias diferentes. JORGE e ÓSCAR começam a organizar juntos os objetos que tiram da sua caixa. A CONSULTORA vai distribuindo alternadamente mais papéis a ANA e CARLOS.

CONSULTORA - Imaginem que precisamos de ir às compras; como seria a nossa loja ideal? Como estariam organizados os corredores? Eles podem organizar-se de milhares de maneiras diferentes, mas numa loja ideal, a organização corresponderia exatamente aos nossos desejos e ao nosso modo de pensar. Organizamos as compras por eventos? Então haveria um corredor para “jantares de Natal”, outro para “reuniões de trabalho”, outro para “festas com amigos”... onde estaria tudo o que precisássemos para cada evento: a roupa, as comidas e bebidas, os equipamentos, os consumíveis...

A CONSULTORA começa a passar material de um lado para o outro, dando a um deles o que estava na pilha do outro.

CONSULTORA - Mas se organizássemos as compras por produto, então haveria um corredor só para o pão, outro só para o papel, outro ainda para os brinquedos... Haveria tantas lojas quantos os possíveis mind-sets. Mas, para desenhar a vossa loja, têm sempre de perceber primeiro qual é o vosso mind-set. Quem são vocês?

A CONSULTORA indica que o exercício terminou e faz sinal a ANA e CARLOS para se levantarem. JORGE e ÓSCAR continuam a arrumar, separando duas pilhas de objetos.

CONSULTORA (*para ANA e CARLOS*) - Olhem. O que é que veem?

ANA e CARLOS olham para a sua organização, depois olham para a do outro. ÓSCAR pega na sua pilha de objetos para descartar e leva-a para o lixo. JORGE arruma na caixa o que decidiram guardar. Depois empurram a caixa para trás e param a observar os outros.

CARLOS (*apontando para os papéis de ANA*) - O que é isto?

ANA - O que é isso?! Então... é a arrumação lógica.

CARLOS - Lógica? Misturaste os tempos todos! Estes não são da mesma época destes (*apontando*).

ANA - Eu não arrumei por tempos. Isso não faz sentido nenhum. (*olha para os papéis dele, espantada*)

CARLOS - Não faz sentido? Então o que é que faz sentido?

ANA - O que faz sentido é juntar as coisas por famílias: tamanhos, formatos...

CARLOS - Não. Assim não conseguimos avançar.

ANA - Temos de definir um sistema.

CARLOS - Já temos sistemas a mais. O meu sistema, o teu sistema. (*reparando em JORGE e ÓSCAR*) O sistema deles...

CONSULTORA (*afastando a caixa de papéis*) - Precisamente. Têm de ser capazes de fazer convergir todas essas perspetivas possíveis para uma única solução eficaz.

JORGE (*para a CONSULTORA*) - Como num funil, não é?

CONSULTORA (*sem ouvir*) - É inevitável. A diversidade pode ser boa em muitas circunstâncias, mas, aqui, para esta tarefa, têm que ser capazes de fazer alguns sacrifícios: algumas formas de pensar têm que ser abandonadas, alguma coisa tem de ficar de fora... e nem todas as pessoas têm a mentalidade certa para estes processos. Estão preparados para isso?

ANA e CARLOS olham um para o outro, sérios.

ANA - Eu sinto-me preparada.

CARLOS - Eu também. O importante é conseguirmos avançar.

A CONSULTORA parece satisfeita.

ANA - Eu sou capaz de fazer esse sacrifício.

CARLOS - Eu também sou capaz.

ANA e CARLOS olham para JORGE e ÓSCAR.

CARLOS (*para ANA*) - Tem de ser um de nós.

ANA - Como é que decidimos?

CARLOS - À melhor de três?

ANA e CARLOS concordam.

ANA - E quem perder sai logo!

CARLOS - Sem despedidas...

Escondem as mãos atrás das costas para um jogo de "Pedra, Papel, Tesoura". Hesitam.

CARLOS - Isto não vai ser o mesmo sem ti... se fores tu a deixar-nos.

ANA - Ou se fores tu... nada voltará a ser o mesmo.

A CONSULTORA parece surpreendida. JORGE e ÓSCAR observam, espantados.

ANA - Mas não temos alternativa! Um, dois, três!

ANA e CARLOS mostram as mãos. Empatam com "Pedra". Voltam a esconder as mãos, frustrados.

CARLOS - Um, dois, três!

ANA e CARLOS mostram as mãos. Empatam com "Papel". Voltam a esconder as mãos, ainda mais frustrados.

ANA - Um, dois, três!

ANA e CARLOS mostram as mãos. Voltam a empatar com "Papel".

ANA (*desesperada*) - Chiça, nem a nós próprios nos conseguimos descartar!

CONSULTORA - Mas o que é estão a fazer?

CARLOS - Vamos experimentar de outra maneira...

CONSULTORA - Eu nunca falei em descartar pessoas...

CARLOS - Qual de nós...?

CONSULTORA - ... mas vocês é que sabem.

ANA - Qual de nós era a pessoa mais provável...?

CARLOS - ... se isto fosse explodir tudo daqui a um minuto... qual de nós era a pessoa mais provável...

ANA - ... de conseguir salvar alguma coisa importante?

CARLOS - E de sair daqui com vida!

ANA e CARLOS - Um, dois, três!

ANA e CARLOS lançam-se para as caixas ao fundo e tentam desesperadamente encontrar, em um minuto, algo que mereça ser salvo. ANA tenta salvar tudo o que encontra; CARLOS descarta tudo o que encontra. Espalham os objetos por todo o lado.

CONSULTORA (*em off*) - Estejam preparados para perder. Sim, perder! As coisas não começam logo a dar resultados positivos e nem sempre correm bem. Muitas vezes tudo piora para depois começar a melhorar. Este processo não tem fim. É uma viagem longa, dura e penosa. Mas vale a pena. É um desafio permanente. A perfeição não é alcançável.

A CONSULTORA pega nas suas faixas e sai. Ouve-se uma explosão. ANA e CARLOS desaparecem atrás dos caixotes, soterrados pelas coisas desarrumadas.

EPÍLOGO

JORGE e ÓSCAR aproximam-se da caixa de papéis que a CONSULTORA deixou no centro do espaço. JORGE retira lá de dentro a caixa de primeiros socorros.

JORGE - Olha! Afinal sempre tínhamos.

JORGE examina a caixa. ÓSCAR olha em volta para a desarrumação e depois para a caixa de primeiros socorros.

ÓSCAR - Tanta coisa...

JORGE - Betadine, ligaduras... uma máscara... pensos rápidos, gaze... temos tudo!

ÓSCAR (*ambíguo*) – Temos tudo. Estamos preparados.

JORGE (*olhando em volta, para a desarrumação*) - Ainda vamos arrumar isto tudo?

ÓSCAR olha também em volta.

ÓSCAR - Deixa. *(tempo)* Temos tempo.

Os dois regressam à arrumação, calmamente.

FIM